

O REINTEGRACIONISMO GALEGO: UM PONTO DE ENCONTRO SOB FOGO CRUZADO

Bernardo Penabade
(Presidente da AGAL)

O presente relatório visa oferecer umha aproximação à situação lingüística da Galiza na actualidade e está destinado, de preferência, a pessoas de outras áreas lusófonas. Um dos objectivos será a apresentação da renovada Associação Galega da Língua, como entidade representativa da lusofonia galega, assim como dos seus diferentes trabalhos de investigação científica e movimentação social no momento em que se prepara para celebrar o seu vigésimo quinto aniversário (1981-2006).

Antes de desenvolver o tema que nos ocupa, na qualidade de Presidente da AGAL aproveito esta magnífica oportunidade para agradecer ao Conselho Directivo da AIL a decisão de celebrar esta reunião científica na Galiza. Simultaneamente, queremos deixar constância do nosso maior agradecimento por terem feito reconhecimento explícito à norma galega, que figura em toda a documentação do Congresso.

1.- Introdução

Para entrarmos na matéria, de modo à necessária contextualização de tempo e lugar, introduziremos o comentário de um texto jornalístico centrado num acontecimento recente protagonizado por um artista lusófono bem conhecido.

A dia 19 de Julho de 2004 Gilberto Gil actuou em Compostela. O concerto, programado com o motivo das festas do Apóstolo, vinha precedido de grande expectativa: a) porque só dous anos atrás, em 2002, o artista estivera em Vigo e obtivera um grandíssimo sucesso; e b) porque em 2003 fora nomeado Ministro da Cultura do Governo de Lula da Silva.

Quase será demais dizer que as expectativas se cumpriram totalmente. Na Galiza, como em Portugal, os tropicalistas -nomeadamente Gilberto Gil e Caetano Veloso- gozam de muita celebridade e no concerto do Apóstolo, em ano jacobeu, o seu poder de convocatória nom ia ser menor. Assim, como já era previsível, atingiu-se a lotaçom completa da praça.

Antes de continuar, tenhamos presente: 1) que o protagonista do concerto era um artista dum país lusófono; e 2) que o concerto se celebrava na Galiza, o lugar em que nasceu a língua portuguesa. Digo isto porque surpreendentemente Gilberto Gil nom usou o idioma comum nem na saudaçom inicial nem na apresentaçom de cada um dos temas que interpretou durante o concerto. Umha boa parte do público pediu-lho, mas o protagonista nom atendeu a demanda e continuou, aliás, no *seu* castelhano.

Mas o concerto trouxe “rabo” e ainda deu para falar *a posteriori*. Dous dias mais tarde, a 21 do mesmo mesmo mês de Julho, um jornalista do diário “galego” com maior audiência publicava, na sua habitual coluna de opiniom, a seguinte crónica do evento:

Gil no es un gil

CÉSAR CASAL GONZÁLEZ

MUCHOS lusistas fueron como a una eucaristía. Era su gran noche. El concierto era en el corazón de Galiza, Santiago, y con el ministro progre, **Gilberto Gil**, que fala portugués coma nós. Se llevaron un chasco espectacular, una lección de cultura universal. **Gil** se esforzó en hablar castellano y, claro, le empezaron a pitar.

Le gritaron «em portugués», «em portugués». El ministro se dio cuenta y mandó parar: «Hay que ser menos nacionalistas y más internacionalistas». Por si las dudas, abrió los ojos de los creyentes de fe ciega: «Para los brasileños, la nación hermana es España». Más silbidos. Les estuvo bien por ser nacionalistas radicales como Aznar. Justo en donde el domingo se oficiará la homilía del 25 de xullo. ¿Quién será el orador, Beiras o Quintana? ¿Quintana en A Quintana dos vivos o en la de os mortos? En fin, **Gil**, que dio un concierto karaoke, continuó con su clase de cultura universal: cantó a Bob Marley, el Imagine de Lennon y hasta un tango. No faltó su punto religioso, «el Apóstol, hermano de Cristo». Lo mejor fue ver a un ministro que baila. Mi hermano, el rubio, dijo una gran verdad: «Algún día, muchos ministros serán así». El día que no utilicemos el idioma, la cultura, para excluir.

Sem dúbida, é este um texto duro que manifesta umha interpretación maniqueísta da realidade. Mais do que a crónica do concerto, parece o relato do combate entre a Luz e a Obscuridade. Mais que para falar-nos de música, o jornalista aproveita a oportunidade para salientar as suas próprias fílias e fóbias. Observe-se o jogo com a palabra *gil*, equivalente a *gilipollas* (imbecil; ‘estúpido’)... : Gil nom é um imbecil; os outros sim.... A parte do público que pedia que o artista falasse na língua comum é retratada como fanática, localista, ignorante, autoritária; em resumo, uns seres malvados. O património da racionalidade, o universalismo, a sabedoria e o respeito aos direitos democráticos ficam para o autor do artigo e para Gilberto Gil, enquanto comunicador no universal castelhano, nom no doméstico português...

Imaginemos um concerto de qualquer artista espanhol (ou de qualquer outro país hispano) em Porto Rico saudando o público e apresentando os temas em inglês, “porque Porto Rico é um Estado Livre Associado a Norteamérica”. Seria totalmente impensável.

Imaginemos a actuação de um solista ou de umha banda francesa no Quebeque comunicando com o público em inglês, “porque entre os presentes há muitos anglófonos”; e porque a nação irmã é o Canadá; e o verdadeiro Canadá é o de língua inglesa... Iguamente impensável.

Imaginemos, enfim, que artistas de qualquer país lusófono actuam em Timor-Leste e que para comunicarem com o público decidem recitar umhas frases em bahasa indonésio “porque no concerto havia muita mocidade e os jovens conhecem melhor aquela língua em que foram escolarizados”...

Em Portugal, no Brasil e ainda nos outros países lusófonos estas hipóteses talvez se tornem quando menos chocantes, mas na Galiza nom som hipóteses; som realidades com que estamos familiarizados. A seguir tentaremos analisar mais polo miúdo a nossa situação específica.

2.- Umha sociedade; duas línguas

2.1.- Breve panorámica do uso lingüístico. A fragmentaçom da sociedade galega

Como dizíamos no início, o panorama lingüístico na Galiza é enormemente complexo e é lógico que apresente sérias dificuldades para ser entendido por outros lusófonos (nomeadamente polos portugueses por pertencerem a um Estado com unidade nacional e lingüística de facto).

Nós temos **dous centros políticos** de referência (Compostela e Madrid) e **duas línguas** (galego-português e castelhano) de uso geral em todo o território galego. Fruto desse convívio desequilibrado provém umha grande instabilidade, nom isenta de tensons: na **escola** a alfabetizaçom é feita em funçom do critério particular da pessoa encarregada dessa tarefa (e a rotina favorece sempre o castelhano; portanto a escola é, globalmente, um agente desgaleguizador); outro tanto ocorre na **família** (ainda com mais possibilidades: 1) famílias que educam a prole no seu idioma habitual (galego-português ou castelhano); 2) outras que falam entre si em galego-português, mas que mudam para o castelhano ao se comunicarem com os miúdos; 3) e pessoas assentadas no uso do castelhano que fazem esforço por transmitirem o galego-

português aos mais novos); na **Igreja** os usos da língua som semelhantes aos da família, tanto no referido ao ambiente lingüístico de padres e catequistas quanto no que respeita aos actos litúrgicos e a outras actividades eclesiais; nos **meios de comunicação** o debate também está aberto, mas a situação do galego-português é de grande adversidade (a vinte e cinco anos de se ter aprovado o Estatuto de Autonomia!).

Torna-se, pois, evidente que temos umha Galiza lingüisticamente **fragmentada** entre aqueles que apostam por **substituir** um idioma (galego-português) por outro (castelhano) e os que preferimos o **convívio** entre os dous; os que sentem o idioma próprio como um obstáculo para o progresso (os partidários do “ponto final”) e aqueles outros que apostamos pola continuidade, que falamos como o faziam os nossos antepassados e que, aliás, também escrevemos nessa mesma língua (novidade social vedada às gerações anteriores).

2.2.- Dualismo gráfico na representação do galego-português (*caminho* vs. *camión*)

O caso da escrita na Galiza é mais do mesmo; ainda com mais umha nova fragmentação, desta vez entre os que apoiamos a vitalidade do galego-português. Por enquanto, ao nom existirem normas de escrita unanimemente assumidas, coabitam dous modelos diferentes: um mais próximo do castelhano (o **isolacionista**, que escreve *camión*); outro fiel à tradição histórica (o **reintegracionista**, que grafa *caminho*) e, portanto, próximo das normas portuguesa e brasileira. Quer isto dizer que os usuários conscientes do português da Galiza, o galego-português, contribuimos à nossa própria atomização cultural, porque ainda nom fomos capazes de chegar a um consenso entre nós.

Na verdade, a essência do debate ultrapassa a simples formulação gráfica; o que há, som duas concepções diferentes com respeito ao que entendemos

como idioma galego:

a) o usado na Galiza e nos territórios limítrofes por uns três milhões de falantes. O isolacionismo, potenciando determinadas peculiaridades específicas galegas ou galego-castelhanas, considera que a nossa é umha língua independente tanto do castelhano quanto do português. As súas normas adoptam basicamente alfabeto e sinais de acentuação do castelhano e, do mesmo jeito, também se aproximam de Castela em aspectos como a morfologia e o léxico (por nom falar também da vertente semântica e da pragmática).

b) o empregado, além de nessa área, em Portugal e nos países que nele se enraízam, por algo mais de douscentos milhões de pessoas. O reintegracionismo propugna que os falares galegos continuem a fazer parte do complexo lingüístico galego-português, estruturado por enquanto em três grandes normas: galega, portuguesa e brasileira. A norma reintegracionista adopta a ortografia histórica galega (nacionalizada em Portugal enquanto era eliminada no território galego).

3.- A AGAL: o reintegracionismo organizado

Três milhões de pessoas; duas comunidades lingüísticas –e ainda dous sistemas alternativos para a expressom escrita de umha delas-: este é o resultado da nossa deriva histórica.

Perante um puzzle tal, tornava-se necessária a implementaçom de umha alternativa aglutinante, tendente a dar coesom à sociedade galega. No plano teórico essa alternativa já fora delineada polo galeguismo político (Irmandades da Fala e Partido Galeguista), inequivocamente reintegracionista, mas na prática esses princípios nunca se tinham aplicado corporativamente nem sequer polas elites associativas. Com esse repto nasceu a AGAL.

3.1.- Princípios básicos

Em plena transição democrática espanhola (1978-81), mais de um cento de pessoas de todos os sectores sociais constituíram a Associação Galega da Língua (AGAL), que em breve se tornou na Galiza o organismo referencial do reintegracionismo lingüístico galego-português. Os principais alvos: a) potenciar o uso normal da nossa língua; b) reintegrá-la na sua própria área cultural.

Como acabamos de ver, a fundação da AGAL representava umha **emenda à totalidade** em matéria de política lingüística. Supunha a defesa da continuidade de um sistema (o galego-português, o nosso próprio), perante as hesitações, a incoerência e a submissão do galego-castelhano impulsado pola oficialidade política. Era umha aposta ambiciosa nas metas, no referente a *status* e *corpus*, porque em 1981 -e ainda hoje- a concepção de umha sociedade galega veiculizada *em galego-português* supunha umha autêntica revolução.

3.2.- Recursos humanos

Para sermos exactos, os fundadores da AGAL contavam com a imensa força da tradição galeguista (Pondal, Biqueira, Vilar Ponte, Castelao...) e com um grupo humano activo e disposto ao trabalho. De resto, só havia obstáculos, mormente de tipo político e económico.

Estes eram os pontos fortes dos protagonistas da mais profunda das iniciativas de regeneração cultural surgidas na Galiza do último terço do século XX:

- 1) **Sólida inspiração intelectual.** Além de polos dous professores mencionados, Ricardo Carvalho Calero e Manuel Rodrigues Lapa, e polo filólogo e publicista Martinho Montero Santalha, o reintegracionismo era apoiado por outros grandes mitos da lingüística hispánica como o

eminente lexicógrafo catalán Joan Corominas assim como pela figura emblemática da filologia galega na diáspora, o professor Higinio Martins, docente no Centro Galego de Buenos Aires.

Carvalho Calero, figura central do grupo, era a máxima autoridade na ensaística galega de carácter lingüístico e literário (gramático e historiador da literatura); na sua qualidade de galeguista histórico, tinha experiência nos cámbios políticos do pré-guerra e nas iniciativas promovidas desde o Seminário de Estudos Galegos (codificação lingüística; redacção do texto do Estatuto de Autonomia); como professor universitário encarregara-se da posta em andamento das primeiras cadeiras dedicadas à nossa língua e literatura, gozava de grande prestígio entre o alunado, com o qual tinha um intenso relacionamento, como também com o tecido cultural do país; além de ser membro da Real Academia Galega, desempenhara o cargo do Presidente da Comissom Lingüística da Junta da Galiza durante o período constituinte, com o que tinha umha longa experiência nos processos de codificação.

- 2) **O ensino.** Além da presença de Carvalho Calero, que conservava após o seu aposentamento um modesto gabinete na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago –a única na Galiza, na altura-, o reintegracionismo contava com outro referente: o professor José Luís Rodríguez, ponte de comunicação entre o galeguismo histórico e as primeiras promoções com licenciatura em galego-português.

Nas Escolas de Magistério, encarregadas da formação do professorado das etapas infantil e primária, estavam outros destacados discípulos e discipulas de Carvalho Calero, todos com boa formação filológica e com conhecimento e simpatia polo reintegracionismo: Aurora Marco e Helena Sánchez, em Santiago; Aracéli Herrero, em Lugo; em Ourense, Maria do Carmo Henríquez; e na Corunha, Joám Carlos Verdíni. Na área

específica da formação em Pedagogia actuavam Jurjo Torres Santomé, na Corunha; Júlio Rodríguez, em Santiago; e José Paz, em Ourense.

Entre os fundadores da AGAL havia também várias pessoas que coordenavam equipas de elaboração de livros de texto (Maria do Carmo Henriques; X. Ramón G. Boán; Xosé M. Iglésias); como havia também muitos professores e professoras repartidos por todo o país e mesmo estudantes dos últimos anos da licenciatura. Como consequência desta auto-organização, o reintegracionismo tivo muita presença no ensino secundário e algo menor no primário.

- 3) **A cultura.** Na fundação da AGAL estivo bem presente o mundo da cultura. Nela participara umha dúzia de escritores, como Xavier Alcalá (o primeiro presidente), Xosé Maria Monterroso ou outros mais novos como J. Guisán e Miguel Mato. Do associacionismo cultural estavam X. Agrelo Ermo, Eduardo Gutiérrez e X. Vilhar Calvo, na altura presidente do Facho (a histórica associação cultural corunhesa). Os sacerdotes Martinho M. Santalha, Joaquim Campo Freire e o frade secularizado Isaac Alonso Estraviz representavam os vínculos com os grupos que defendiam a galeguização da Igreja. Outros sectores intelectuais e profissionais representados eram a música (Joám Trilho); e economia (López-Suevos; Santamaria Conde); e as ciências jurídicas (Fontenla).
- 4) A **política** e o **sindicalismo** eram as áreas mais fracas. Havia representação de todo o arco político, tanto de partidos de âmbito nacional galego, quanto dos de âmbito estatal espanhol. Em qualquer caso, como já foi dito, a imensa maioria situavam-se na órbita do nacionalismo galego, com pluralismo ideológico desde a democracia-cristá (do PG) às diferentes correntes do marxismo (PSG; BNG; MCG).
- 5) Outros elementos favoráveis eram: a **representação territorial** nas sete grandes cidades galegas e em Madrid, Londres e Buenos Aires: o

equilíbrio etário, já que participavam estudantes universitários, jovens licenciados, profissionais de mediana idade e galeguistas históricos (a média de idade andava por volta dos 30 anos); e a imediata simpatia do **galeguismo** histórico **de além-mar** (Flores, Abreira, Perfeito Lôpez, Pêrez Prado, Fiz Fernández...).

3.3.- Obstáculos

Os obstáculos que dificultavam a expansão social do reintegracionismo eram enormes:

- a) a sociedade galega desconhecia a existência da sua própria tradição histórica e, se já não se sentia identificada com que o idioma próprio fosse usado para a comunicação escrita, menos ainda o fazia com a codificação proposta pela AGAL.
- b) o novo grupo estava formado por individualidades (pessoas a título particular) que careciam de poder social. Uns participavam dos diferentes partidos políticos do nacionalismo de esquerda, outros do nacionalismo de centro-direita, outros estavam na órbita da esquerda espanhola e os restantes não se inscreviam a nada, mas nenhum estava situado numa posição de referência emblemática.
- c) a comunicação mediática interferiu, fruto de uma oposição institucional a uma alternativa cultural contrária aos seus interesses, silenciando actos e difundindo uma imagem negativa do reintegracionismo.

3.4.- Acertos

O grupo humano que impulsionava o nascimento da associação conhecia bem o contexto e actuou com excelentes critérios. Os seus grandes acertos foram:

a) a **aposta cultural**, nom subordinada a nengum dos partidos políticos; b) a confiança no valor da **didáctica**, acreditando na contundência dos próprios argumentos; c) a **abertura territorial**, superando o localismo e as artificiosas fronteiras políticas.

Quanto ao **âmbito territorial transfronteiriço**, embora o centro de actuação fosse a Galiza, procurava-se conformar um universo galego-português. Os professores Carvalho Calero e Rodrigues Lapa foram os primeiros Membros de Honra; depois foram nomeados o português Óscar Lopes e o galego-luso-brasileiro Ernesto Guerra da Cal. Por motivo dos Congressos Internacionais, outorgou-se essa distinção aos brasileiros Leodegário de Azevedo Filho, Gladstone Chaves de Mello e Sílvio Elia. Finalmente, em época recente reconheceu-se o mérito da diáspora galega com a nomeação de Ricardo Flores e Higinio Martins (dos Amigos do Idioma Galego, de Buenos Aires).

3.5.- 1981-2005: vinte e cinco anos de actividades

Neste quarto de século a AGAL atingiu cinco grandes metas que a situam como a referente do reintegracionismo e ainda como umha das associações mais emblemáticas do galeguismo do século XX. As cinco metas a que antes aludíamos som estas:

1.- **Sistematização do reintegracionismo** (ou, o que é o mesmo, da lusofonia galega), dotando-o de um córpus –gráfico, morfológico e de orientação da escolha lexical- destinado a unificar a expressom dos já utentes e a facilitar a aprendizagem a outras pessoas de nova incorporação ao reintegracionismo, entre as quais estão também os neofalantes. Para este fim, foi fundamental a publicação do *Estudo Crítico*, nomeadamente o apêndice que figura na segunda edição; nele oferece-se: a) a descrição da norma galega e b) o quadro das diferenças com outras modalidades do sistema. Podemos afirmar com rotundidade que esta publicação junto com o *Método Prático de Língua Galego-Portuguesa* de Martinho Montero Santalha som as fontes da

pragmática reintegracionista (que nom existia corporativamente antes de 1983).

2.- **Referente académico**, nos níveis nacional e internacional. As publicações da Comissom de Lingüística da AGAL constituírom -e constituem ainda hoje- a base documental de apoio para os Cursos de Língua Galego-Portuguesa (destinados a pessoas adultas), a escola em que directa ou indirectamente se formam os agentes que socializam o reintegracionismo nas vilas e cidades do país.

No nível transfronteiriço destaca a convocatória de cinco congressos internacionais, diversos simpósios nas áreas específicas de sociolingüística e literatura; e a publicação de *Agália*, a revista de Ciências Sociais e Humanidades (com vinte anos de história e mais de 10.000 páginas publicadas em oitenta números).

3.- **Superaçom da censura editorial**. Contando unicamente com o apoio económico solidário das pessoas associadas, a AGAL reuniu em catálogo meia centena de livros. Foi a alternativa pragmática à vergonhosa censura que privava a nossa cidadania da leitura de obras fundamentais de Carvalho Calero, Guerra da Cal, Jenaro Marinhas del Valle, Ramom Lôpez-Suevos, Elvira Souto... Além disso, o apoio do reintegracionismo organizado foi determinante para que outras editoras (Sotelo Blanco, Ed. do Castro, Laiovento, Baía...) decidissem publicar livros em norma-Agal.

4.- **Referente associativo**. No final do decénio de oitenta a AGAL reunia perto do milhar de pessoas associadas, multiplicando por dez o núcleo inicial; trás um posterior período de crise, devida a diversas causas internas e externas, coincidindo com o cámbio de século começou umha nova etapa expansiva. Em qualquer caso, desde o momento da sua fundaçom, nunca deixou de ser o referente associativo do movimento reintegracionista.

5.- **Motor da socializaçom**. Ninguém discute que a socializaçom do galego-

português em diferentes colectivos sectoriais (política, sindical, mocidade, género, ambiental...) tem a sua raiz em livros, cursos, actividades divulgativas e reivindicativas impulsadas pola Associação Galega da Língua. No início da década de 90 apareceram **grupos reintegracionistas** (*Bonaval* em Compostela, *Meendinho* em Ourense, *A Quinta Irmandade* em Vigo...) nas grandes cidades; paulatinamente foram-se criando outros novos e hoje estão presentes na Galiza toda (*A Esmorga* em Ourense, *A Revolta* em Vigo, *A Gentilha do Pichel* em Compostela, *Artábria* em Ferrol e Narón, *Alto Minho* em Lugo, *A Revira* em Ponte Vedra, *Atreu* na Corunha, entre outros) e todos eles veiculam as suas actividades em galego-português. A proposta da AGAL foi assumida como património colectivo.

Mas o motor da socialização continua a funcionar. Desde Maio de 2002 a Agal sustenta na rede o **Portal Galego da Língua** (www.agal-gz.org). Com perto de 3.000 visitas diárias procedentes fundamentalmente da Galiza, de Portugal e do Brasil, o PGL serve de ponto-de-encontro para a lusofonia galega. Este foro galego-português permanente oferece notícias, reportagens, entrevistas e crónicas da actualidade cultural galega e portuguesa, nomeadamente; disponibiliza *em linha* numerosos arquivos sonoros –palestras, músicas comentadas, programas de rádio, entrevistas...-, vários dicionários de consulta (Dicionário Estraviz; Dicionário de Fraseologia), correctores ortográficos para os computadores e mesmo um programa de jogos didácticos centrados no conhecimento do idioma (o Planeta NH). Além dos documentos pedagógicos e da informação actualizada, ainda facilita à audiência a possibilidade de conversar ou escrever em tempo real com pessoas de todo o mundo.

4.- O Futuro: por quê dizemos que estamos no alvo do fogo cruzado?

Retomamos agora a referência à contextualização inicial para a qual nos servimos da referência indirecta ao concerto de Gilberto Gil. A lusofonia galega, o reintegracionismo, trás vinte e cinco anos de existência corporativa, está consolidada como referente alternativo à política lingüística vigorante desde

1982, mas continua a ter grandes dificuldades para atingir o avanço social definitivo.

A força das razons reintegracionistas é imensamente superior, mas nas condições actuais o debate de ideias está fortemente obstaculizado e a mensagem nem chega ao seu destino (ou chega adulterada, o que pode ser pior). Com o ambiente totalmente viciado, torna-se indispensável alimentar um espaço de convívio, a modo de área de interposição entre extremismos. Centrar o interesse no debate mesmo, sem ceder o protagonismo às reacções viscerais, simples anedotas intoxicadoras, é o caminho certo que nos leva a esse espaço de convívio.

Nós, os reintegracionistas galegos, estamos na difícil posição de ser alvo do fogo cruzado e esta posição estratégica favorece os importantes avanços, mas a risco de estarmos permanentemente expostos aos “danos colaterais”. Para entender a complexidade da situação, basta com centrar a atenção nas diferentes reacções (de uns e outros) perante quatro acontecimentos pontuais. Poderíamos citar muitíssimos mais, mas estes quatro são suficientemente significativos:

***Foro Trasatlántico: encontro no Finisterre.** Encontro de personalidades da cultura, celebrado em Corcuvion, em Setembro de 1999. Participaram pessoas de todas as tendências (isolacionistas e reintegracionistas) e o convívio foi excelente. Uma das grandes conclusões finais incide na necessidade de aproximação cultural da Galiza aos outros países lusófonos.

***Parlamento Europeu.** No período 2000-2004 a Galiza foi representada por deputados de três partidos: dois estatais (PP e PSOE); um nacional (BNG). O deputado deste grupo, Camilo Nogueira, como antes José Posada por Coligação Galega, falou em galego-português no Parlamento Europeu; foi a voz diferencial, sem maior problema para a presidência nem para o

serviço de tradução e interpretação.

***Reforma das normas da RAG.** O processo de aprovação foi mais dilatado do que se esperava (2001-2004). Os intensos debates internos na Academia fôrom interferidos polo partido político no governo (naquela altura o PP), que contou com o inestimável apoio dos grandes meios de comunicação.

***Santiago Jaureguizar em Portugal.** Em Abril de 2005 o conhecido escritor galego participou em vários actos literários; o Portal Galego da Língua noticiou a iniciativa, como vinha fazendo com todas aquelas outras que favorecessem a comunicação galego-portuguesa. Os comentários à notícia foram imediatos, com ataques directos ao escritor e ao meio que recolhia a informação¹ (o portal da AGAL).

A atenta observação das diferentes reacções feitas públicas (dos partidos políticos, dos meios de comunicação e dos colectivos sociais) no momento em que se noticiavam estes acontecimentos deixa-nos à vista os dous citados extremismos que obstaculizam o nosso progresso cultural.

4.1.- Integrismo espanholista. Os sectores sociais mais centralistas e reaccionários, com o apoio dos grupos mediáticos, difundem um panorama que nada tem a ver com a realidade. A sua estratégia de comunicação é tam previsível que parece estar feita, partindo de um formulário estándar, como é o caso deste arquetípico artigo do jornalismo de opinião com maior alcance social²:

1 A polémica está recolhida em:

<http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=articlecomments&sid=1986>.

O posicionamento da AGAL está publicado em:

<http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=article&sid=1993>

2 Este artigo de Juan José R. Calaza foi publicado por La Voz de Galicia em 8 de Setembro de 2001, a só dous dias de que a Real Academia Galega anunciase a abertura do processo de debate para reformar as suas próprias normas para escrita do idioma.

La RAG, los lusistas y la voluntad popular

Al parecer, la Academia Galega está sufriendo en su seno **una guerra civil incruenta**, de momento, por mor de la aprobación o rechazo de la *normativa de concordia* de la lengua, vayan ustedes a saber lo que esto significa. No obstante, lo que está claro, visto lo que vota la inmensa mayoría y al no tratarse exclusivamente de una cuestión técnica, es que en Galicia no queremos que los partidos nacionalistas y grupúsculos afines de descarada **afirmación cultural lusista y antiespañola** puedan conseguir en las instituciones lo que se les niega en las urnas.(...)

Sopesando los elementos en mano, la Academia Galega no puede aceptar ningún Diktat que so capa de *concordia lingüística* nos aboque a un sometimiento cultural lusista, salvo a desvincularse deslealmente del sentir expresado por la inmensa mayoría de los gallegos en las pasadas elecciones. Este es el definitivo mensaje que los galaicoespañoles debemos enviar, por RAG interpuesta, en el que, dejando de lado los paños calientes, no se hurte la molesta sensación que producen las cada vez más **sectarias posiciones** de quienes ahorman a la juventud en el totum revolutum de la **violencia cainita**, tendente a desterrar y amenguar el acervo compartido con el resto de España, magnificando desmesuradamente, por el contrario, lo que nos es común con Portugal. Bajo este enfoque, de producirse dejación de responsabilidad, nada ventajoso traería una sintomática resolución que, cobijando la normalización lingüística arcaizante, por mínima que fuere, artillase en ese sentido la docta casa. Nada ventajoso, insisto, salvo a aferrarse como las moscas cojoneras de AMI y AGIR -nacidas del larvado odio del *nacionalismo democrático* hacia todo lo español- a las costumbres y creencias milagreras que buscan *reintegrar* Galicia en el anacronismo de una *nação* y una ortografía caducas. (...)

Y puesto que es así, dentro de la nueva y arriesgada singladura que el país vecino, cuya buena fe no se pone en entredicho, inicia en la nao europea, codo a codo con España, es de urgencia que no se engalle ni entre al lance que le propone el nacionalismo gallego (...) porque podría malinterpretarse, generando a la postre grave crispación y rechazo hacia todo lo luso. Si la muy partidista aunque no menos efectista pluma de Manuel Rivas escribe en El País Semanal (nº 1.307) que 'El gallego es español tranquilamente, pero si se pone tremendo puede exclamar: ¡Menos mal que nos queda Portugal!' es como si yo afirmo que *Os Lusíadas* son a la literatura universal lo que las majorettes de Cangas a la danza clásica, es decir, simple y extravagante opinión personal. Pero, si un **diputado** del BNG se expresa en Estrasburgo en portugués -lo que, por cierto, facilita la intelección de las razones que lo llevaron a abandonar el hemicycle cuando Fernando Savater fue a recoger el premio que le concedieron a ¡Basta Ya! por su ardorosa lucha frente a los destripadores de **ETA** y portamaletas adjuntos- no deben los portugueses ver en ello los síntomas de una próxima secesión lingüística sino la continuación de la **grotesca payasada** de los herederos intelectuales gallegos del camisa azul Rolão Preto que ya en 1934, estimulado por la debilidad de la España republicana, adoptó la resolución de expandir el Imperio hacia el norte. Hasta Asturias, quiero decir.

Como dizíamos, este texto recolhe muitos dos tópicos utilizados polos grupos políticos mais centralistas³ e polo colonismo tendencioso que se publica a diário

3 Um dia antes (7/09/01) de se publicar o “discurso reflexivo” de Calaza, o mesmo jornal recolhia como noticia as declarações de Francisco Vázquez. O alcaide corunhês (e referente político para umha boa parte do PSOE na Galiza), acérrimo defensor do castelhana e do inglês, aproveitava para pontificar a respeito do galego-português e, de passagem, para demonizar os seus adversários políticos.

nos grandes jornais distribuídos na Galiza. A seguir recollhemos em esquema algunhas das características:

1) o **centro de atención** parece nom estar na Galiza, mas no País Basco. O debate a respeito do uso das línguas é presentado como um combate, que tem como protagonistas os democratas (os defensores do espanhol como língua exclusiva na Galiza) e os radicais autoritários (os que apostamos polo galego).

2) o debate a respeito da **norma** é presentado como um *totum revolutum* ou como umha guerra civil incruenta. A este respeito, tenha-se em conta que a reforma da norma da RAG foi um tema levado com o máximo sigilo: os impulsores da actualizaçom nom apresentárom a sua iniciativa até que a tinham consensuada. O reintegracionismo, ainda ficando excluído, actuou com a máxima prudência; nom convocou nengumha manifestaçom civil, nem sequer umha campanha de movimentaçom social, quando tinha motivos suficientes para o fazer.

Francisco Vázquez acusa al BNG de 'nazificar' Galicia

Acusa a la Consellería de Educación de permitir que muchos profesores enseñen 'un gallego inventado'

El alcalde de La Coruña, el socialista Francisco Vázquez, aseguró hoy que las propuestas de modificar la normativa de la lengua gallega responden a una "estrategia de **nazificación** de nuestro país", que atribuyó a una "línea claramente **independentista**" y al "**entramado batasunero** que creó el BNG".

Vázquez hizo estas declaraciones tras la inauguración de una instalación para recoger residuos urbanos, donde señaló que las voces que promueven cambios en las normas del idioma "son **minoritarias**".

Dichas voces, añadió, "están dentro de ese entramado batasunero que creó el BNG, con colectivos como **AGAL**, que pretenden usurpar lo que le corresponde a todos los gallegos".

El regidor coruñés afirmó que "hay una infracción constante por parte dos llamados lusistas ,que están intentando **imponer** un gallego totalmente desvinculado del uso cotidiano y que no corresponde al que escribían Rosalía de Castro, Curros Enríquez o Pondal".

(...) El alcalde coruñés añadió que lo que se intenta es desvincular el gallego de sus propias **raíces** e ir hacia un lusismo inventado para marcar fronteras con la **cultura común** que tenemos desde hace siglos con el resto de España". Vázquez indicó, además, que los que intentan cambiar ahora las normas son aquellos que critican "a los que mantenemos **un sistema de tolerancia**".

Nos actos de debate convocados *a posteriori* existiu um ambiente de total respeito, sem o menor incidente negativo.

3) o **panorama mediático**. Segundo determinados colunistas da imprensa diária, a audiência não deve estar preocupada porque na Galiza a informação se transmite objectivamente. Ainda assim avisam: além da “prensa independente” (a que informa em castelhano) existem “hojas parroquiales, instrumentos de manipulación” (as que informam em galego).

4) a respeito da **representação institucional** o tratamento da informação é exactamente igual. Os representantes galegos que utilizam no Parlamento Europeu o castelhano eram considerados “autoridades; “representantes del pueblo gallego”; o representante que se exprimiu em galego-português, embora apresentasse tantas iniciativas como [todos] os outros juntos, muitas delas vitais para a nossa economia, foi qualificado como palhaço até em colunas editorialistas.

5) lugares comuns do jornalismo convencional som ainda **outras pérolas**: como difundir preconceitos a respeito da saúde mental (loucura vs. cordura) e da quantificação de aderentes a um ou outro ponto de vista (*la sociedad* vs. grupúsculos); como considerar de natureza malvada os que queremos a continuidade do nosso idioma e dar a entender que procuramos o pior para a Espanha (Defender os interesses da Galiza é equiparável com atacar os interesses da Espanha? Qual é, entom, essa ideia da Espanha?).

4.2.- Reacção visceral. Na antítese desse integrismo espanholista, situa-se a que nos parece umha resposta da desesperação. Trata-se da reacção típica que se produz em situações de abuso institucional. As pessoas agredidas, as vítimas, entram no jogo esperado pela comunidade dominante: defendem-se dos preconceitos com outros preconceitos; caem na trampa da violência

verbal... Afrontam o conflito apostando pola força, sem caírem na conta de que os seus meios som imensamente menos poderosos ou simplesmente nom existem. É a resposta individualista, que provoca o surto de *ghettos* cuja existência acaba por prejudicar os interesses defendidos.

No caso galego, a razom existencial destas pessoas (agrupadas sob as mais diversas siglas, com os mesmos associados) é a necessidade de conseguir umha língua portuguesa uniforme, com umha uniformidade tal que nom postulam nela variaçoms em funçom da sua especial situaçom em territórios concretos, como no caso da Galiza. Nem especificidade histórica, nem territorialidade, nem possibilidade de planificaçoms temporais, nem estratégia didáctica, nem receptividade... nada é argumento contundente que aconselhe umha mínima adaptaçom por leve que esta for. Qualquer traço de variaçom nacional é considerado despectivamente como **portunhol**, segundo se pode observar nesta comunicaçom da Associação de Amizade Galiza-Portugal (AAG-P) ao Movimento de Defesa da Língua (MDL):

Santiago de Compostela

Da nossa maior consideraçom,

acusamos recibo do convite para participar no "bloco de experiências" do " Fórum da Língua" que se realizará o dia 28 de Fevereiro de 2004 em Santiago de Compostela.

Os Estatutos da ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE GALIZA-PORTUGAL estabelecem como uma das tarefas principais o estudo e promoçom da língua da Galiza e o relacionamento com Portugal. É política de longe estabelecida o apoio à unidade da língua portuguesa por meio dos Acordos Ortográficos que se têm vindo a assinar entre os países da LUSOFONIA.

Em resposta ao convite enviado para umha anterior reuniom temos afirmado: "O nosso compromisso é com as pessoas e entidades que se situam inequivocamente com a língua nacional da Galiza, o português, e não com o portunhol em quaisquer das versões atuais ou futuras".

Sabendo que não devemos promover opções contraditórias nem duvidosas com a unidade da língua; considerando que o intuito desta reunião é "...que o movimento de normalização do galego na Galiza se reuna para reflexionar em comum antes de continuar com força renovada a nossa caminhada para a plena recuperação da nossa dignidade e direitos linguísticos", julgamos que os senhores erraram ao enviar este convite, porquanto a ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE GALIZA-PORTUGAL visa a plena normalização da LÍNGUA PORTUGUESA como LÍNGUA NACIONAL E OFICIAL DA GALIZA, e não a simples "normalização do galego". Contudo, manifestamos a nossa disposição para considerar a colaboração com quaisquer atividades que o MOVIMENTO DEFESA DA LÍNGUA propor relativamente à língua portuguesa.

Santiago de Compostela, 7 de Fevereiro de 2004.

A análise de textos como este⁴ mostra-nos às claras:

-Um discurso prepotente, elitista. Uns poucos *Notáveis* consideram-se como predestinados para dirigirem as massas; estas ham de aprender

4 A fonte de inspiração deste tipo de discurso é um artigo de José Luís Fontenla. Intitula-se "A língua portuguesa na Galiza" e está publicado em diferentes lugares. Nós tomamo-lo do Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (<http://ciberduvidas.sapo.pt>).

Esta é a sua interpretação da realidade galega:

Na Galiza se digladiam ainda duas posições quanto à normalidade da língua portuguesa do povo galego lusófono: uma lusófona/lusógrafa e outra hispanófono/hispanógrafa.

Mas acaba, na monarquia, por falta de liberdade e democracia, impondo-se os critérios da hispanofonia/hispanografia para o português da Galiza, construindo-se assim por elaboração (ausbau) um *portunhol*, que impõe o chamado Instituto de la Lengua Gallega à Real Academia Gallega, e, a partir daí, o conselheiro ou ministro Filgueira Valverde por decreto (...) instaura o *portunhol 1* (...) oficialmente.

As normas ortográficas e morfológicas da língua galega de 1982 vão endereçadas à desagregação da língua portuguesa na Galiza, a que fala o povo lusófono galego, e castelhanizam a língua da lusofonia na Galiza. Ainda AGAL (Associação Galega da Língua) cria, também por elaboração (ausbau), outra norma do *portunhol 2*, em que, plagiando gramática portuguesa, verbos, léxico, etc., desnatura a língua portuguesa, criando o *portunhol 2*, com traços medievais. Nos dois casos se o substracto é português, o adstracto é espanhol, e vinca o espanhol sobre o português em toda a parte, atentando-se conscientemente contra a unidade estrutural da língua portuguesa, tanto num sentido diacrónico como sincrónico.

É nessa luta que andam os lusófonos galegos, contra o *portunhol 1* e *2*, que desnaturizam e castelhanizam a nossa língua portuguesa, submetendo-a à órbita do espanhol.

umha verdade absoluta e ham de fazê-lo pola força (nom se repara em procedimentos pedagógicos; só nos conteúdos finais); aliás, o discrepante é considerado quer ignorante quer incapaz.

- Um complexo de inferioridade, que se manifesta em certo auto-ódio polos valores galegos: toda a literatura galega contemporânea é considerada de péssima qualidade; 2) os autores som alcunhados de *castrapistas* e incompetentes no conhecimento do código; o professorado de Língua e Literatura é qualificado como mercenário ao serviço da espanholizaçom; além de incompetente no conhecimento do código e na estratégia didáctica; torna-se, portanto, em fonte de assimilaçom de alunos e alunas à cultura dominante.

Segundo interpretaçons como estas⁵, a AGAL seria um obstáculo para a unidade da lusofonia, porque fomentaria um híbrido portunhol que nom possui as características fundamentais do idioma comum. Os membros desta associaçom nom usaríamos diariamente a norma lisboeta ou o Acordo do Rio... por falta de competência [!].

5.- A volta ao reintegracionismo tradicional (soluçom dialogada)

A sociedade galega experimenta um processo de transformaçom e isto implica que o uso lingüístico também está exposto a mudanças. Produzem-se tensons porque há dinamismo e ninguém quer perder posiçons. Nestes vinte e cinco anos ficou bem claro que umha parte significativa da sociedade galega, a mais inovadora, a mais arriscada talvez, decidiu apostar polo código de comunicaçom tradicional: o galego-português. A nossa velha língua comum recuperou na Galiza o direito a entrar nos âmbitos formais, a subir aos palcos da música, a usar-se nas escolas, nas negociaçons sindicais e nas mais diversas reivindicaçons sociais.

5 No histórico da lista de debate da Assembleia da Língua (<http://br.groups.yahoo.com/group/assembleia-da-lingua/>) temos numerosos exemplos deste tipo de atitudes.

Por mais que se tente silenciar, o idioma passou a ser tema de debate público. Uns manifestam-se contra o seu uso, outros manifestamo-nos a favor; mas o debate é hoje transversal, nengum sector social fica excluído ou indiferente.

No começo deste novo século, o galego-português torna-se de novo visível nas ruas da Galiza. Pessoas socializadas em galego desde a infância decidimos completar o ciclo de aprendizagem assimilando as normas para nos expressarmos também por escrito no nosso idioma; outras, neste caso educadas desde a infância em castelhano, começaram a aproximação pela escrita e hoje exprimem-se com espontaneidade na língua de Mendinho e D. Dinis; de Camões, Rosalia e Machado de Assis; naquela em que cantam Fausto, Alberto Mbundi, Ugia Pedreira... e Gilberto Gil.

Avançamos, mas continuamos ainda em caminho; temos muito espaço de convívio para alimentar. Hoje como ontem, a AGAL aposta por umha **política lingüística aditiva** para esta Galiza, ponto de encontro das culturas galego-portuguesa e espanhola. Acreditamos profundamente no valor da palavra como instrumento privilegiado para o entendimento e a concórdia. Acreditamos no imenso valor da língua, de todas as línguas. Por isso, além do galego-português, defendemos o conhecimento generalizado do castelhano, língua franca do Estado; e do inglês, no estatuto de língua de comunicação internacional.

O reintegracionismo galego quer umha Galiza **cosmopolita**, consoante a tradição histórica que nos chegou através do Caminho de Santiago. Um país cosmopolita, em consonância com a nossa histórica movimentação para a diáspora e em consonância também com a recente afluência de pessoas que procuram entre nós umha vida mais digna.

Pensamos que o reforço dos vínculos de união entre a Galiza, Portugal e o resto de países lusófonos será umha medida benéfica para todos e que nos ajudará a preservar, aqui e agora, o uso da nossa língua comum.

Honestamente pensamos assim, mas por cima das nossas ideias está o respeito polos demais e neste sentido, enquanto existirem várias normas para representar o galego-português da Galiza, a AGAL reconhecerá legitimidade às diferentes opções e defenderá o diálogo como único caminho para chegar ao desejado **consenso**. O reintegracionismo galego, que rejeita as imposições e as tiranias, exige o pleno reconhecimento institucional duns direitos lingüísticos que até o presente tivemos conculcados.

A lusofonia tivo na Galiza a sua fonte originária lá polos séculos IX e X; no começo do XXI mantemos especial empenho para garantir a sua continuidade entre nós dessa incipiente lusofonia nutricia, e temos muitos e seguros indícios de que o vamos conseguir.

() Texto apresentado no VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas (Santiago de Compostela, Julho 2005)*